



1. Hugo Leite  
*from the flesh door, tenderness pays attention*  
 ("da porta da carne, a ternura presta atenção")  
 17'32"  
 P&B, 4:3, sem som

2. Ed Freitas  
*My heritage dna ethnicity estimate*, 2017  
 Marcador de filtro sobre tecido e escultura em gesso e papel

3. Ed Freitas  
 1. *A Múmia nº1*, 2021, croché em algodão  
 2. *Órun, Amor e Veneração*, 2020-2026, filtragem em lã merino e cabelos do artista  
 3. *Hide to seek nº 2\**, 2024, filtragem, com lã merino, croché em algodão e bordado com missangas  
 4. *Múmia nº 4*, 2022, croché em Algodão  
 5. *Hide to seek nº 1\**, filtragem, com lã merino, croché em algodão e bordado com missangas  
 6. *La via láctea de Maria García Vera*, 2025, croché em lã acrílica com véu em lantejoas e bordado a máquina de costura  
 7. *Hide to seek nº 3\**, filtragem, com lã merino, croché em algodão e bordado com missangas

4. Ed Freitas  
*Cabeças*, 2025  
 vídeo cor  
 2'45"

5. Thales Luz  
*Figueira do Inferno*, 2021  
 vídeo cor

6. Thales Luz  
*Cavalgada Selvagem*, 2021  
 em colaboração com Diogo Braga e Natalia Coehl  
 vídeo cor  
 Dir. fotografia e montagem: Clara Capelo, Roberto Mortágua e Carlos Rocco  
 Som: Vivi Rocha Jones

\* Para o espectáculo de Júlio Cerdeira Hide to seek,  
 \*\* Para o performingborders no festival Citemor.

## FICHA TÉCNICA

MIRA Galerias | Espaço MIRA

Direção Manuela Matos Monteiro e João Lafuente

Direção Artística Manuel Santos Maia

Comunicação Manuela Matos Monteiro e Beatriz Vital

Rua de Mirafior nº 159 | 4300-334 Campanhã, Porto

Quarta-feira a sábado, das 15h às 19h

929 113 432 | 929 145 191 | miragalerias@miragalerias.net

facebook.com/espacomira | @espacomira



# EU SOU AQUELE QUE ESTÁ LONGE

Exposição coletiva

Curadoria de Susana Chiocca

10 JAN - 14 FEV 2026

# EU SOU AQUELE QUE ESTÁ LONGE

*A fénix ainda não me deu luz.  
Ninguém está à minha espera.  
Vim antes do tempo e também depois do tempo.  
Mas não há ninguém com quem partilhar o que vejo.  
Sou aquilo que vejo. Sou aquele que está longe.*

Mahmoud Darwich

*Eu sou aquele que está longe* apresenta três criadores que focam a sua investigação artística no pensamento de si e do mundo tomando o seu corpo como objecto de estudo, de reflexão e de revelação. Trazem-nos paisagens e percursos atravessados de dúvidas e excentricidades, anomalias, imprevisto e fortuna.

**Thales Luz** debruça-se sobre a genealogia, a colonização ibérica e o impacto dos estados alterados de consciência para unificar, tocar e chegar às origens. Uma figueira seca, qual raiz impressa no exterior, é guardiã de uma história velada. Onde existe o diabo, existe a repulsa, existe o êxtase, existe a carne, existe o desejo, existe a luxúria. Um jovem corpo masculino exuberante que se adentra e se requebra na infertilidade da árvore. A rispidez e o emaranhado dos galhos não o demovem de um movimento pausado e incessante na busca de um equilíbrio e reconhecimento. Em *Cavalgada Selvagem* estabelece-se um diálogo espontâneo e libidinoso dos corpos com a natureza. O sobressalto acontece no espaço urbano. O *natural* parece-nos deslocado, alienado e perturbador numa representação de estranheza e de não pertença. O corpo em fuga vai ao encontro desesperado da natureza da qual nos fomos gradualmente afastando - como afirma Bataille - desde o aparecimento da humanidade.

Uma religião também espiritual é explorada por **Hugo Leite** na instalação que abre a mostra. Já não o corpo de Cristo mas um corpo contingente, individual que nos apega ao presente e ao matérico, almejando outra identidade, abrindo sexualidades. O anonimato inicial vai-se dissipando pela queda da massa maleável, flácida e frágil que constitui em potência o pão enquanto alimento, numa espécie de retroacção. Sabemos que a morte nos acompanha, que tudo se desfaz, e o que vemos são apenas resquícios desse desvelamento e de um pudor iniciático. A fluidez desveste-se numa deslocação eterna, moldando-se a uma forma para rapidamente dela se afastar. Sem paragens, sem atritos. Do lado de fora, tudo nos aparece mais nitidamente.

O conjunto de máscaras de **Ed Freitas**, são um apontamento de um trabalho mais vasto que extravasa para o teatro, a performance e a criação de figurinos. A sua pesquisa focada na *Múmia Queen* invoca os rituais de matriz africana como o Candomblé, unificando a ancestralidade e a força anímica e espiritual. As mortes do criador surgem como uma segunda pele em *Cabeças* que petrificam e aludem o boxe mexicano, o masoquismo e o queer. São objectos que se celebram através da performatividade, carregados de uma aura prévia e da futura energia de novos seres; transformam quem os incorpora e quem os observa, funcionando como entidades ou resquícios do invisível e do indizível.

Somos atravessados pelo inalcançável. Quanto mais nos aproximamos, quanto mais perto parecemos estar, novos *eus* se revelam. Reflexos irreconhecíveis. Estamos longe de onde partimos, das páreas, do núcleo, do lugar, ao mesmo tempo que nos afastamos de nós, numa procura incessante. Corpos cantam o ser de si. No ar compõe-se movimentos e gestos enquanto resistência de voz, de memória, de liberdade, de osso e pele a despeito do cataclismo iminente.

Susana Chiocca

Ed Freitas é artista visual e transdisciplinar nascido no Nordeste do Brasil. Seu trabalho articula performance, instalação, escultura e artes têxteis para investigar a Presença-Instalativa, conceito que desenvolve em seu doutoramento em Arte Contemporânea na Universidade de Coimbra. Vencedor do World Cultural Council Award (2022), Freitas apresenta obras que tensionam o sensível e o político, com atuação internacional em festivais, residências e exposições no Brasil, Portugal, França, Romênia, Alemanha e EUA.

Hugo Leite nasceu em 1979 e é natural de Aveiro. É artista visual com projetos artísticos de performance para vídeo e fotografia. O seu trabalho aborda questões de identidade relacionadas com papéis de género, sexualidade, dialética do espaço, intimidade e trauma, investigando possibilidades de representação a partir de vivências, memórias e história pessoal.

Thales Luz é artista brasileiro residente em Portugal. Doutorando em arte contemporânea (Universidade de Coimbra), mestre em artes (Universidade Federal do Ceará) e tem formação técnica em dança (Sesc/Senac, Brasil). Sua prática artística envolve uma implicação ritualística do corpo com questões ancestrais e espirituais, como os trabalhos *Os-suário* (2015), *Exumação* (2016), *Cavalgada Selvagem* (2018-2021), *Figueira do Inferno* (2021) e *Casa do Diabo* (2023), apresentados no Brasil, México e Portugal.